

Á Biblioteca Pública de
Braga

TEMPOVA Livre

27
JANEIRO
1962

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Não queira ser Um Assassino Ignorado

Ainda não há muito que um ciclista desprevenido atropelou um pobre transeunte... prosseguindo velozmente na sua correria louca. Estava-se então nas vésperas do Natal e é quase certo que o tal ciclista teve uma boa noite, porventura com a família, no encanto do lar. Talvez tivesse filhos e seria sido com o coração transbordando de paternal amor que colocaria brinquedinhos nos juvenis sapatos, que na chaminé esperavam a dádiva do Menino Jesus.

Entretanto, o atropelado que também era filho de Cristo, falecia horas depois. Ficava com o crâneo fracturado, de castro de que dificilmente se escapa, sobretudo quando a idade já é regularmente avançada. E nessa noite santa só houve lágrimas no seu lar, onde uma viúva e três filhos orãos tinham ficado para sempre sem o braço protector que os amparava.

É possível que o desastrado ciclista ignore ainda hoje a brutal extensão do mal que causou, mas, nem por isso deixará, na verdade, de ser um assassino, embora assassino ignorado... E talvez seja um ho-

mem honesto, caritativo, esmolador, bom, que em momento de insensatez transformou-se em agente de um grande drama, de que seria, talvez, o primeiro a compadecer-se. No entanto, é certo que foi ele e não outro qualquer que levou o luto ao lar daquele pobre transeunte que jaz agora num coval do cemitério, de onde não sairá nunca mais. Para ele acabou-se o Natal, os sapatinhos na chaminé, a festa da família sob o amplexo amoroso de Jesus.

Já pensou, caro leitor, como um simples acaso (tantas vezes

filho da imprevidência) pode transformar um homem honesto e bom num vulgar transmissor de luto e de tristeza?

Ora, pense connosco, amigo. Pense e medite... e ajude-nos a fazer circular a notícia de que não devemos pensar apenas no nosso bem, porque, afinal, todos somos irmãos, e a dor do nosso semelhante também deve ser sentida por nós.

Se o amigo passa tranquilamente pela rua e lhe apetece soborear uma banana ou uma

Continua na 5.ª página

A GUINÉ PORTUQUESA

Continuação do número anterior

Que em Julho do mesmo ano a viúva de Ambrósio Gomes para não dar satisfação à Legitimidade dos direitos que assistiam ao seu enteado, no tocante a partilhas dos bens do marido e pai, fez vários requerimentos, embargos e agravos e

por Porfirio de Sousa

que por fim «se principiara um mal jurídico sem legitimamente as partes serem ouvidas, e ficando nesta forma, até então senão tinha executado, ou por falta de justiça (que mal naquelas partes sem poder, se podia administrar) ou por razão do muito que grangeava a indústria de quem sabia negociar em terras tão faltas de letrados que só venciam as causas, quem melhor com inteligência própria se maneava.»

Que era de parecer que não se deviam fazer, rápida e imediatamente, as partilhas sem serem ouvidas as partes legitimamente interessadas, pois a isso opunham-se todas as normas de direito; que em seu entender só poderiam sequestrar os bens em questão, para os salvar, mas à ordem da Nação.

Que não concordava que o Governador das Ilhas de Cabo Verde enviasse um Ministro a Cacheu para o efeito, visto não haver ali senão o Ouvidor Geral, mas dado o caso que o houvesse devia ser enviado por Sua Alteza com mais latos po-

(Continua na 5.ª página)

Ajudai a erguer o
vosso Hospital

Elísio Gonçalves

Cortejo de Oferendas

Aproxima-se o dia 14 de Março, dia do 1.º Cortejo de Oferendas que a nossa Misericórdia vai levar a efeito. O seu produto é destinado à construção do Nosso Hospital.

Isto só bastava para que todos os Amarenses, aqui residentes e no Estrangeiro impulsionados por essa grande mola que é a Caridade, e pelo seu bair-

nunca desmentidos, contribuissem com generosidade; mas há muito mais a considerar para que essa generosidade se manifeste. São os nossos doentes, os nossos pobres e os infelizes que vão receber em maior grau todo o benefício que há-de advir da instalação dos serviços hospitalares e do internamento e tratamento de doentes.

Espera pois a Mesa da Misericórdia, a quem foi oferecida a máxima colaboração e apoio das autoridades, que o dia 14 de Março será um dia grande nos destinos do Concelho, um dia em que as freguesias com os seus carros enfeitados trarão até à Santa Casa com as suas oferendas, o seu carinho e o seu amor à sua

tência. Estão a organizar-se as Comissões Paroquiais que hão-de incrementar e estimular a representação das freguesias.

Apela-se por isso para todos e sobretudo para essas Comissões no sentido de não se pouparem a esforços afim de que esse dia seja grande para a Misericórdia e para o Concelho.

AS OBRAS Camarárias

Concluídas já várias Obras de grande vulto como são a electrificação de Lago, 290.000\$00, Electrificação de Barreiros, 86.000\$00, Estrada Neves-Ponte da Loureira, 220.000\$00, Cemitério de Paredes Secas 67.000\$00, iniciaram-se esta semana mais 3 obras de vulto. Arruamentos em Feira Nova, 380.000\$00 Estrada de Prozel, 160.000\$00 e Estrada Feira Nova — Paredes Secas (Pavimentação) 218.000\$00. O Monumento Sá de Miranda 90.000\$00, vai

começar a ser colocado, pois já foram removidas todas as dificuldades.

Está pois de parabéns o Concelho, não só por o que já está feito e que é muito, mas pelo que se está a realizar e pelo que se espera ainda iniciar ainda este ano — Estrada de Paranhos, 240.000\$00, Electrificação de Dornelas-Goães-Santa Marta e Bouro, 850.000\$00, Estrada — Feira Nova-Vasconcelos 450.000\$00.

Política Brasileira

É raro o dia que os jornais portugueses não transcrevam as opiniões de brasileiros ilustres á cerca do seu governo na questão de Goa e dos compromissos anteriormente tomados e que agora deixam de ser cumpridos.

Impovido e sereno, sofrendo já desagradáveis decepções na questão da Índia na qualidade de novo representante diplomático, o governo do Brasil mantém a sua deliberada posição de indiferença acentuada agora na ONU que se limitou a invocar a sua amizade por laços anostrais de racismo. Tolerou que a Polónia e a Albânia apresentassem uma moção que brada aos Céus pelas afirmações mentirosas e que o Brasil sabe que o são!

Revela-se através de tudo isto que esse grande país ou está falido de dirigentes ou de

finanças cuja salvação só encontrará em Sociedade com os amigos que distingue na Ásia e no extremo norte da Europa — a querida Rússia de Kruschef — pois dentro dela deve haver habitantes que, coitados, tem de aguentar o peso do maior barbarismo de todos os séculos implantado por esse perigoso demagogo. Como Deus não dorme e tudo se vai pagando, em Pernambuco milhares de bandoeiros de avião incendiaram e destruíram fazendas e plantações de Cana de açúcar causando já prejuízos de milhões de Cruzeiros.

Começou agora o Brasil a sentir o efeito da sua miséria moral e é de tal ordem que o próprio povo já não acredita nem consente em paz a direcção do seu país a quem tão levemente o está a dirigir.

TRIBUNA AGRÍCOLA

ARBORICULTURA E ARBORICULTORES

— Publicou recentemente o Boletim que esta Junta edita um artigo da autoria do prof. J. Vieira Natividade, sob o título *Arboricultura Arboricultores* do maior interesse para todos os que de qualquer modo estão ligados aos assuntos frutícolas. Como o referido Boletim tem muito menor difusão que este seu suplemento, não chegando normalmente às mãos da maioria dos nossos fruticultores, transcreveremos em seguida algumas das passagens do referido artigo, lamentando que, por falta de espaço, nos não seja possível a transcrição completa.

«Assim como, para se fazer honestamente um apetecível guisado de lebre, é fundamental ter a lebre ainda que seja uma lebre pequenina, uma lebre magra, uma lebrezinha indigna do cinto de um Tartarin, assim também para se ter uma verdadeira arboricultura é indispensável ter arboricultores. Porque arboricultura sem arboricultores é um cozinhado tão suspeito como aquele em que, fraudulentamente, se substitui a lebre por

Nem sempre as verdades mais simples são as mais evidentes e convincentes. Enquanto se produz pouco e mau e se vende caro; enquanto o sector agrário a pouco mais se limite do que a plantar árvores nos moldes de «o que quer que seja» e não importa onde, e a colher depois os frutos; enquanto os consumidores aceitam tudo o que se lhes oferece, quantas vezes o tal gato por lebre!, e o pagam com generosidade — não existe verdadeira fruticultura e não são necessários fruticultores. Temos árvores e são raros os pomares; e, se os pomares são raros, mais raros são ainda os pomareiros. É este, sem exagerado pessimismo, o panorama frutícola nacional, onde raras e louváveis excepções não conseguem atenuar a acabrunhante negrura do conjunto.

Todos sentimos, porém, que as coisas começam a mudar. Aumenta o consumo de fruta e elevam-se os preços, porque a oferta fica aquém da procura. O agricultor, cansado de tantos desenganos, desiludido com muitas das culturas tradicionais, acabrunhado e inquieto pela sucessão de maus anos agrícolas com seu cortejo de amarguras e dolorosas renúncias, olha alvoroçado o novo filão que se apresenta tão auspicioso. Multiplicam-se as plantações à sombra da noção simplista de que quem tem terra pode ter árvores, quem tem árvores tem fruta, quem tem fruta tem dinheiro, e quem tem dinheiro é o senhor do mundo e leva vida regalada.

Lançam-se assim as bases de uma arboricultura aventureira, improvisada, nos velhos moldes do anadorismos e do palpito, e que se caracteriza pela ausência de arboricultores. Faz-se, em maior escala, o mesmo que se fazia há um século em escala mais pequenina, no alheamento ou no desconhecimento total da espantosa evolução da técnica frutícola nos últimos tempos para se ajustar aos imperativos de economia e de eficiência deste sector, e para corresponder às crescentes exigências do consumo em quantidade, qualidade e preço.

Não é tarde ainda para se pesarem os perigos de uma arboricultura assim concebida e orientada.

De facto, para se produzir muito, bem, depressa e com baixos custos de produção, como se torna cada vez mais imperioso, nada se pode deixar ao acaso e não há lugar para a inexperiência, para a ineficiência e para o desleixo que nos são tão caros.

A arboricultura moderna reclama arboricultores modernos que saibam o que querem e como conseguem. Amiúde se exalta e inveja o espantoso progresso da fruticultura de alguns países europeus, as extraordinárias produções por unidade de superfície que conseguem obter, a alta qualidade da fruta e os baixos custos de produção que lhes permitem levar os seus produtos aos grandes mercados mundiais em condições de concorrência, muito embora nem sempre disponham de factores tão favoráveis, como nós dispomos, para uma lucrativa exploração pomareira. Admira-se a obra, mas deixa-se desinteressadamente na sombra a essência de tal milagre: a preparação profissional do arboricultor, a sua devoção, o espírito progressivo, o apetrechamento teórico e prático que lhe dá eficácia técnica e a consciência das responsabilidades que o seu empreendimento lhe traz.

Creemos que o mal da fruticultura lusitana consiste, precisamente, no desinteresse dos meios para se conseguirem os fins. Queremos ter mais fruta, melhor e mais barata; entretemos francas possibilidades na exportação, que muito ajudaria a nossa economia; sabemos que a cultura fruteira é ainda uma das formas mais prometedoras de tirar vantajoso partido de muitas das nossas terras.

E, assim, plantamos mais árvores para ter mais fruta, embora muitas vezes nem sequer se saiba o que se planta, nem como bem plantar para se alcançarem tais fins, e também nos não preocupamos

com a formação profissional dos arboricultores, nem em preparar o ambiente rural para que a assistência técnica venha a ser eficaz e frutuosa».

Depois de se referir mais detalhadamente à necessidade de transformar «em arboricultores uma multidão de pseudo-pomareiros incapaz de se interessar pelo que se passa fora do seu minúsculo mundo» criando os conhecimentos técnicos indispensáveis, tal como tem sucedido noutras nações, nomeadamente a Suíça, o autor termina o seu artigo com as considerações seguintes:

«As modestas tentativas nacionais para resolver o momentoso problema da renovação das técnicas frutícolas caracterizam-se pelo fracasso, e logo se vê que, ensinando apenas a podar, ou habilitando somente operários em fito-sauidade, nós não formamos verdadeiros arboricultores. Acontece até, no que diz respeito à poda, por exemplo, que essa operação, na moderna arboricultura, deixou de ocupar o lugar proeminente que lhe outrora dentro da técnica cultural, e a outras operações do granjeio se atribui papel de bem maior relevo na produtividade económica do pomar.

O simples conhecimento da arte da poda não basta criar uma arboricultura progressiva, e até esse ensino, quando mal entendido e quando mal aplicado, como infelizmente às vezes acontece, pode transformar o podador encartado em arboricultor desenfreado, e tão danoso à produtividade de um pomar como o mais nefasta e temerosa das pragas.

O complexo conjunto de ensinamentos exigido pela fruticultura moderna só se pode adquirir em estreito contacto com as plantas nas diversas fases do seu ciclo vegetativo; reclama a perfeita compreensão da finalidade das diversas práticas para que estas se ajustem às condições de vegetação e produtividade dos arvoredos. E porque hoje as questões da rentabilidade da empresa frutícola dos custos de produção se tornam cada vez mais prementes, não pode o arboricultor viver alheado da economia do pomar, e necessita orientar a exploração de forma a ver compensados os investimentos.

Creemos que se torna urgente pensar a sério na preparação de verdadeiros arboricultores, segundo figurino nosso, ajustado às condições da exploração fruteira nacional e às capacidades dos nossos práticos agrícolas. Precisamos com urgência de operários qualificados aos quais o lavrador possa recorrer confiadamente

Aos agricultores

Conselhos

Como é do domínio geral, a apanha da azeitona deve fazer-se no melhor estado de maturação, isto é, quando a polpa se destaca facilmente do caroço e as drupas das castas tintas adquirem cor violácea intensa. Na impossibilidade de se fazer toda a colheita naquelas circunstâncias, é preferível antecipá-la um pouco, porque assim pode obter-se azeite de melhor qualidade, dourado e brilhante, com pouca acidez, de ligeira fragrância, com sabor a azeitona fresca, e atenuarem-se, em parte, os futuros ataques da mosca (*Dacus oleae*).

O ano vai ser de safra, e por isso, para se lograr todo o proveito, aqui se aconselham alguns preceitos da técnica oleícola:

— Usar sempre material de transporte, de lagar e de envasilhamento irrepreensivelmente limpo e desinfectado;

— Apanhar a azeitona quando bem madura, ripando-a à mão no sentido dos ramos; usar a varejadura, tal operação deve ser feita sempre de dentro para fora da copa;

para o guiarem e ajudarem na exploração das fruteiras. Antes, porém, e isto é fundamental, precisamos de mestres especializados, ou regentes de cursos, com experiência, saber, e verdadeira devoção frutícola, e que ensinem, não uma arboricultura livresca, antiquada e papagueada, com mira só na conquista de um diploma; mas uma arboricultura viva, actual, objectiva e séria. Falta-nos, é certo, escolas e estações experimentais em quantidade e em qualidade. Carilando porém, o que anda descarrilado, impondo corajosamente um rumo ao que navega à deriva, talvez não seja de todo impossível conseguir aquele mínimo necessário para se começar.

Lamentável seria deixar correr as coisas como hoje correm, quando a cultura fruteira se expande com tão acelerado ritmo, e quando os compromissos internacionais que assumimos nos obrigam a radical transformação na política do sector agrário.

A arboricultura de um país é o espelho da capacidade profissional dos seus arboricultores. Se olharmos, com realismo, para e que se passa na velha lusitana, ou lá que dizer que não temos arboricultores, nem temos arboricultores, e assim nos livramos de recriminações e censuras ou cruelmente proclamar a dolorosa verdade: os nossos arboricultores são o espelho fiel da arboricultura que temos».

— Lavar as azeitonas sujeitas de terra;

— Moer a azeitona à medida que se colhe, sendo possível;

— Guardar e conservar a azeitona colhida, em caso de demora, no olival ou em boas tulhas;

— Remoer a massa até conseguir uma trituração completa;

— Evitar o escaldão de massas, recorrendo às termobatedeiras;

— Manter no lugar uma temperatura de 18.º C, aproximadamente, o que muito auxilia a extracção do óleo;

— Conservar o azeite em vasilhas limpas e desinfectadas, o menos possível sujeitas a variações térmicas.

ALVITRES

A depuração do azeite nos nossos lagares faz-se, por via de regra, naturalmente, isto é, o azeite limpa ou espelha dentro das talhas onde é lançado graças à acção da gravidade que arrasta para o fundo daquelas vasilhas as impurezas que o óleo contém em suspensão. Mas este processo exige muito tempo e apresenta alguns inconvenientes, podendo prejudicar a boa conservação do azeite e não permitir a venda do produto após a sua extracção. O oleicultor vê-se assim, impossibilitado de realizar capital precisamente na época em que ele é mais necessário para satisfazer os diversos encargos da exploração agrícola.

Tal operação pode realizar-se, hoje em dia, dum modo mais expedito, perfeita e económica, recorrendo a máquinas especiais, chamadas centrifugadoras, já vulgarizadas em algumas das nossas principais regiões olivícolas.

O azeite, após a extracção, entrando de mistura com uma certa quantidade de boa água potável nas turbinas das máquinas, sai, momentos depois, num estado de limpidez bastante apreciável, correndo as impurezas e toda a água que emulsionava o óleo para uma outra bica dá-se aqui um fenómeno idêntico ao que se passa com as desnatadeiras que separam a gordura do creme do leite dos restantes elementos que o compõem.

Para se conseguir um bom trabalho de tais máquinas é necessária a perfeita limpidez do azeite, indispensável regular a quantidade de água simples que entra na centrifugadora simultaneamente com o azeite, durante o seu funcionamento.

O azeite assim depurado pode ser entregue imediatamente ao consumo.

TRIBUNA do CONCELHO

PALÁCIO DE VIDRO

É no Palácio de Vidro,
Lauto covil de ladrões,
No qual Kruchtchev é alvidro
Nas ladravazes sessões,

Que já estão reunidos,
Encornelhados, asnáticos,
Uns noventa e tal bandidos
Russos e afro-asiáticos,

Que sem vergonha nenhuma,
(Cada qual mais safadão)
Concordam todos á uma
Ser Portugal o ladrão

Que não lhes quer dar Angola,
Nem mesmo por um decreto
Da sua caranguejola
Nem da Rússia pelo «veto»...

A Bulgária e a Polónia,
Hoje escravas, por seu mal,
Pois qualquer é uma colónia
Dum império bestial,

Também vieram, coitadas!
Como cousa natural
Mas pelo amo obrigadas,
Depor contra Portugal.

Que nojento é, em verdade,
Este gesto que desola!
Irem p' dir liberdade
Não p'ra si... mas para Angola!...

Mas onde estão os polacos
Tão valentes noutras eras?...
—Hoje escravos dos cossacos,
Rastejam perante as feras...

Mas enfim, o mais bonito,
O qu'inda me faz sorrir,
É que o palácio maldito
Não tarda muito a ruir.

Acordai, ó nações do Ocidente,
De tão fatal e longo pesadelo,
P'ra que a estrela vermelha do Oriente
Não nos apague a luz do Sete-estrelol...

UERBA

FURRIEL

Jorge Gonçalves

Para satisfazer a curiosidade de muitos amigos, informamos que o Furriel Jorge Gonçalves, filho do Sr. Eduardo Gonçalves está prisioneiro na Índia de onde mandou boas notícias.

Parabéns á família e muito gratos a quem estima o valente soldado.

Caixa Agrícola

Atinge 9 mil contos os empréstimos concedidos á lavoura por esta Instituição, segundo verificamos na reunião convocada pela Direcção para um exame de contas que foram aprovadas.

C.

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

SERVIÇOS DE IMPRENSA

REDACÇÃO INFORMAÇÃO

O Jornal «Tribuna Livre», de Amares, publicou no seu número de 25-11-61, uma local em que se referia á necessidade de incluir Lago no giro de distribuição domiciliária.

Informa a Administração Geral dos CTT que o assunto ficou anotado e será oportunamente considerado quando for revisto o concelho de Amares.

O Chefe dos Serviços de Informações e Reclamações

Pelo Tribunal

M.^o Juiz da Comarca de Vila Verde julgou em Amares, aonde o concelho está judicialmente anexo, Augusto da Costa Machado, solteiro, menor, por ter atropelado Manuel Rodrigues, professor de Carrazedo, quando este, na companhia de Elísio Gonçalves, se dirigiam, pela sua mão, do Pilar a Carrazedo, no dia da festa do Pilar.

O Réu foi condenado mas com pena suspensa.

CARRAZEDO

CARLOS AUGUSTO TAVEIRA

Ao retirar-se para o Rio de Janeiro, depois de algum tempo de permanência nesta freguesia o grande industrial Carioca sr. Carlos Augusto Taveira, ofereceu ao pároco da freguesia um jogo de paramentos religiosos no valor de 3 contos, 1 conto para obras no Passal e á Junta de Freguesia oferecerá igual quantia para exploração de águas e construção de um fontenário no lugar da Igreja onde reside. Tudo lhe foi agradecido prometendo continuar a olhar pela sua terra adotiva se o mártir S. Sebastião, de quem é devoto, o continuar a proteger como até agora e quem ofereceu a missa dominical do dia 21. A Junta de Freguesia transmitirá á Câmara Municipal o nobre gesto do grande amigo para ver se poderá dar satisfação á sua pretensão que abrange a comodidade e necessidade de centenas de habitantes.

C.

AMARES, 20-1-62

Na freguesia de Portela morreu de parto Izaura Pereira, de 32 anos, doméstica, casada com o padreiro Jasé Maria da Silva. O Médico chamado Dr. Adélino Ferreira de Caldeas, só compareceu 3 horas depois limitando-se a assistir á expiração da infeliz parturiente que daria á luz um casal de gémeos se uma operação, talvez, podesse ter evitado a morte.

O marido da vítima era sócio da Caixa de Previdência.

O portador do recado não teria exposto ao Clínico a gravidade do caso?

C.

AUXILIAI
a Misericórdia

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausntes *****

Com as minhas saudações vou dar-vos algumas notícias.

CASAMENTOS

Principiando nos casamentos dir-vos-ei que em 30-12-61 celebraram o seu casamento em Rendufe, Amares, os senhores José Soares Lopes, de Lago, Amares, filho dos Senhores Domingos José Lopes e Maria de Jesus Soares, do lugar de Santa Marta e Virgínia Pereira Ferreira, de Rendufe, Amares, filha dos Senhores Albino Veloso e Maria Joaquina Pereira. Foram muitos os convidados e a missa nupcial foi cantada a som do órgão.

No dia 18 do corrente fizeram o seu casamento em São Vicente do Bico os Senhores António Lopes Rodrigues, de Lago, Amares, filho

Nomeação e posse

No Palácio dos Duques de Bragança em Guimarães, pelas 16 h. do dia 18 do corrente, tomou posse do lugar de continuo o sr. Manuel Martins Fernandes, ex-colaborador da Modelar.

Muitos amigos que o acompanharam foram gentilmente recebidos pelo Conservador do Palácio Sr. Dr. Acácio Rodrigues de Azevedo, que, depois de lhe conferir a Posse autorizou que do auto contasse o nome dos acompanhantes e dirigiu ao empossado palavras de estímulo e estima que terá na sua Direcção.

SALVÉ 2-2-62

Passa no próximo dia 2 o seu terceiro aniversário natalício o menino Alberto António da Silva Machado, filho do senhor António Luis da Cunha Machado e da senhora Aurora dos Anjos Rodrigues da Silva.

Por tão alegre data seus pais, padrinhos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos na companhia de seus pais.

ANIVERSÁRIO

Passou no dia 25 do corrente o seu aniversário natalício o senhor Domingos Rodrigues da Silva.

Por tão alegre data seus pais, irmãos e restante família desejaram-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos.

dos senhores Francisco José Rodrigues e Maria Joaquina Lopes, do Lugar do Telhado, e Rosa Tinoco Rodrigues, do Bico, filha dos Senhores João

(Continua na 4.ª página)

CAPITÃO

Domingos de Amorim Lopes

Em missão de soberania encontra-se em Ambrizete, Angola, o sr. Capitão de Infantaria Domingos de Amorim Lopes, filho do sr. João José Lopes e sobrinho do assinante da Tribuna Livre sr. Domingos Lopes de Amorim, Rendufe, terra da sua naturalidade, tem nas fileiras militares Angolanas um valeroso elemento, não só pela sua reconhecida capacidade, já demonstrada em Macau, como agora, pela sua coragem e patriotismo, dando a sua vida voluntariamente pela integridade do sagrado território Nacional.

Tribuna Livre, não podendo omitir o nome do heróico soldado Amarense, terra de heróis e Santos que imortalisaram a Pátria felicita o ilustre Rendufeense na certeza que encontra nele um continuador das Glórias do exército e do povo que deu novos mundos ao Mundo.

C.

FALECIMENTO

Em Amares, no lugar de Passos, faleceu a Senhora Custódia da Conceição Vieira, viuva, de 77 anos de idade, Briosa Mãe de 11 filhos: Maria Rosa, Josefina, casada com o Sub-Chefe da Cadeia Civil do Porto, Torcato, oficial de diligências da nossa Comarca, Clara P.^o Calisto, pároco de Caires, Luzia, José Maria, proprietário da Roça Paimar em Angola, Maria de Lurdes, funcionária da Universidade de Coimbra, Herminia, ausente em África, João Batista, celebre Marinheiro na Apúlia. Era cunhada da Senhora D. Mavilde Almeida e irmã do Senhor António Cunha, dos C. T. T. de Braga, e outros. Deixa muitos netos. Teve uma Santa Morte, como Santamente sempre vivera; foi esmerada na educação e colocação de seus filhos e netos.

Por isso foi muito chorada e grande a manifestação de pesar. O seu funeral, na passada 6.^a feira (ontem) foi muito concorrido de eclesiásticos e fieis de tôdas as camadas sociais — Paz á sua bela alma e sentidas condolências a tôda a sua numerosa família.

CARTA DE LAGO NA ASSEMBLEIA GERAL:

Continuação da 3.ª página

José Rodrigues e Maria de Jesus Reis Tinoco. O acompanhamento foi numeroso e não faltaram lá os casacos de couro... Os novos casados ficaram a viver transitória-mente em Lago, visto o noivo ir novamente para França e tencionar levar a esposa para lá.

Em 20 do corrente fizeram o seu casamento em Lago os senhores Mário Rodrigues de Semelha, Braga, guarda da P. S. P., em Braga, filho dos senhores Manuel Rodrigues e Maria Rosa Sá Pereira e Maria de Lurdes Cerdeira Lopes, de Lago, Amares, filha Arminda Cerdeira Lopes, já falecida e que foi do lugar do Ribeiro. Assistiram muitos convidados. Fizeram de padrinhos os Senhores Augusto Vieira da Rocha e Sá, funcionário do Tribunal do Trabalho, Braga, e sua esposa D. Maria Alcina Motta da Rocha e Sá.

Três casamentos!! Sim, três, mas, em Lago, só foi um, embora em todos, um dos noivos fosse de Lago. A coisa, porém, explica-se facilmente tem estado muito frio...

BAPTIZADO

No dia catorze do corrente baptizou-se Feliciano Pinheiro de Macedo, filho dos Manuel José de Macedo e Maria da Conceição da Costa Pinheiro, do lugar da Veiga, sendo padrinhos os Senhores Feliciano Gomes de Castro e Albertina da Silva, de Panoias, Braga.

SORTE GRANDE

Pois é verdade! O proprietário do centro ciclista de Lago, de sociedade com mais

três amigos, recebeu 60 contos. Foram 15 contos para cada um. Dizem que há invejosos, a ranger os dentes... Quanto a mim posso garantir-vos que não sinto inveja.

Gostaria imenso de ouvir dizer novamente que os mesmos, ou outros, de Lago foram bafejados pela sorte.

BISPO AUXILIAR

Ainda que pareça extraordinário um Bispo visitar as igrejas paroquiais, santuários ou capelas, inesperadamente julgo isso a coisa mais natural e muito para louvar. Será inútil apresentar razões porque é tal a clareza do assunto que as provas entram aos saltos, pelos olhos dentro. O facto a contar-vos é este.

No dia 14 do corrente o Senhor D. Francisco Maria da Silva, apareceu na igreja de Lago, ouviu uma prática do Pároco, feita ao povo, sobre o tema: — «Amai-vos reciprocamente com caridade fraternal» — antes de entrar. Depois entrou, assistiu à bênção do S. Sacramento observou a organização da procissão de defuntos, o número das pessoas presentes, a disposição das imagens, e outros objectos, e saíu.

Disseram-me que também que esteve em Barreiros, e em Rendufe, onde assistiu aos actos religiosos, ao menos nesta última. A mim o Ilustre Visitante disse que vinha de passagem por ter ido visitar o túmulo do saudoso cónego Ribeiro, em Barreiros. Será?

Julgo, caros amigos, que devem ser os gansos, a grasnar no capitólio, quem promove estas visitas, aliás muito úteis... Nada mais, por hoje.

Vosso: J. Moreira

Associação dos Cegos do Norte de Portugal

Com o pedido de publicação foi-nos enviada uma circular que transcrevemos:

Ex.º Sr.

Vem esta Associação desenvolvendo uma Obra em favor dos cegos que pode desde já considerar-se apreciável, apesar de não contar ainda quatro anos de existência. Para o prosseguimento da sua meritória acção, precisa de aumentar o número dos seus associados, presentemente de 750, quando só no Distrito do Porto há mais de 3.000 cegos e a área de influência desta Associação estende-se a todo o país onde existem cerca de 20.000,

embora a sua actividade se note mais, como é óbvio, nas províncias do Douro, Minho, Trás-os-Montes e Beiras.

A todos os cegos é prestada gratuitamente assistência clínica, medicamentosa, bem como jurídica; têm-se dado centenas de bengalas; obtido subsídios permanentes e eventuais; idem para viagens óculos etc.; distribuído gratuitamente centenas de revistas em Braille; facultada a leitura de livros e jornais tanto em caracteres Braille como em comum a quantos os requisitam; internados cegos e seus familiares em hos-

(Continua na 6.ª página)

A Espanha elogiou a obra portuguesa em Angola, O Delegado da Mauritània preconizou a solução pacífica do problema, o da Indonésia aplaudiu moções comunistas e Afro-Asiática e o da Mongólia Exterior repetiu acusações

O debate sobre Angola recomeçou ontem no Plenário da Assembleia Geral das Nações Unidas às 15 horas e 47—em Lisboa 20 horas e 47.

O primeiro orador da sessão da tarde foi Ba Mamadu Lamine, delegado da Mauritània, que principiou por preconizar a solução pacífica do problema e a adopção de providências imediatas para se preparar Angola para a independência. «Respeitamos Portugal—frizou—mas não podemos aceitar a sua estreiteza de opinião relativamente à independência dos seus territórios ultramarinos».

Afirmou, depois, que as relações entre Portugal e os Estados africanos dependem da forma como tratar os seus territórios da África, terminando por pedir à Assembleia Geral que aprove a moção afro-asiática apresentada na abertura da sessão.

O delegado espanhol, Jaime de Pinies, que falou a seguir defendeu os esforços desenvolvidos por Portugal para constituir uma sociedade plurirracial, lamentando as acerbas críticas feitas aos portugueses. Pinies classificou como deploráveis todos os actos de «violência extrema», independentemente da sua origem, e pediu a Portugal que apresente à Assembleia Geral um relatório, provando que a situação em Angola regressou à normalidade, após os acontecimentos registados no princípio do ano passado.

Depois de salientar que «não se pode ignorar a obra que Portugal está a realizar em Angola», o delegado espanhol disse concordar com a afirmação do Governo português, de que Angola se encontra muito mais desenvolvida do que muitos outros territórios da África. «Pretender que a ordem internacional se encontra ameaçada pelo colonialismo — comentou — é ignorar a obra realizada pelos países colonizadores.»

Sublinhou que a presença nas Nações Unidas de muitos países-membros novos é prova de que a descolonização se pode processar sem o recurso à violência e que a independência, sem a necessária preparação, é perigosa, razão por que o comunismo prefere este tipo de descolonização.

Pinies continuou: «Não existe solução mais aconselhável do que a presença dos portugueses em Angola, visto que Angola ainda não atingiu a maturidade suficiente para a independência».

Afirmou, depois, «não poder alegar-se que Portugal não está disposto a cooperar», recordando, a propósito, a colaboração prestada pelo Governo de Lisboa, anteriormente, a diversos organismos e programas da ONU. É opinião da Espanha — disse — que Portugal deve assumir as providências necessárias à manutenção da paz em Angola, ao regresso dos refugiados e ao estabelecimento de um programa de cooperação com os angolanos. E que a Assembleia Geral deve precaver-se contra decisões «tendentes a criar um ambiente de pressão em torno de Portugal».

A Espanha opõe-se às sanções propostas pelos comunistas e não deseja ver a cultura e a influência portuguesas eliminadas da África — concluiu o delegado espanhol.

Seguiu-se no uso da palavra o delegado indonésio, Sukarjo Wirjopranoto, que se apressou a declarar o apoio do seu Governo tanto à moção dos comunistas, como à dos afro-asiáticos, redigida esta em termos mais moderados.

Disse o Delegado de Djakarta que os indonésios sabem, por experiência própria, adquirida na sua luta pela independência, existirem duas alternativas para a solução pacífica dos problemas coloniais:

«Em primeiro lugar, deve existir uma unidade forte e indestrutível entre os dirigentes e os movimentos nacionais. Embora dispostos a negociar, se possível, uns e outros devem estar prontos a combater, se neces-

sário, a sacrificar-se, a morrer, até, em prol da liberdade e da independência nacional.

«Em segundo lugar, deve verificar-se uma pressão, amistosa, mas concreta, dos aliados e amigos do Governo de Portugal, para levar este Governo a alterar os seus processos actuais e a conformar-se com os objectivos e ideais desta Organização. Tal pressão deve compreender o corte de todos os fornecimentos de armas e, se necessário, a imposição de sanções económicas».

Wirjopranoto classificou Angola como «pior dos casos dos colonialismos em debate», salientando ainda «Portugal lançou-se numa guerra de vingança e de extermínio contra todo o povo de Angola».

Coube a vez, por último, ao vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da Mongólia Exterior, Dondogyn Tsevegmid, que se limitou a repetir as acusações comunistas contra «o sanguinolento regime de terror imposto pelos portugueses à população nativa de Angola» e a apoiar a moção apresentada pela Polónia e pela Bulgária.

A Assembleia Geral suspendeu a sessão às 17 horas e 18 (22 e 18 em Lisboa) para reabrir hoje, às 15 horas locais.

O embaixador norte-americano adlai Stevenson devia falar na sessão de hoje, mas a delegação dos Estados Unidos já anunciou que a sua intervenção foi adiada, pois Stevenson encontra-se hoje no Illinois, onde preferirá um discurso.



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODULAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. JOÃO DE REI

qual preço nom pagam nem pagaram pena de sangue em nenhu tempo por serem della escusos pollo dito foro.

E a pensam de cimquo tabaliaaes e todos juntamente cento e oytenta Reaaes. As forças sam do meyrinho da terra das quaaes nam levava dito senam des que forem julgadas pollos juizes da terra. E o forçado tornado a sua posse entam levava cento e oyto Reaaes a custa do forçador e doutra maneira nam.

Item posto que no foral amtygo esteia scripto que do Reguengo do Souto se partia ametade com ho mordomo de lanhoso decramos que soomente pagam em Sanhoanede Rey o seisto e nenhua cousa em lanhoso. E decramos que a medida per que se ouverem e ham de pagar os foros da dita terra do pam castanhas e se ha de emterpetar e respeitar a esta medida dagora a este respeito dez alqueires desta medida ora corrente de que o padram mandamos estar na nossa cidade do porto fazem da medida velha per que os detas foros se am de pagar dezasseis alqueires e tres quartas que era teiga da medida estiva que levava quatro alqueires pequeninos cada hua. E fique a nos resguardado ho dito que possamos ter na louça que tomou pero coelho na terra reguenga homde chamam lameira posto que ora della nam pague.

Primeiramente em meçullo Gonçallo anes do casal do bairro paga de mylho quatro alqueires e meo e de centeo hum alqueire. Alvro gonçalvez do barreo do casal do barreo paga de milho quatro alqueires e meo e de centeo huu alqueire. Afonso anes do casal dalacayo paga de milho oyto alqueires e de centeo tres alqueires Joam peres do casal dalda paga de milho oyto alqueires e de centeo tres alqueires Gonçallo gil do casal dalda paga de milho cinco alqueires e de centeo huu alqueire e tres quartas e çallamu Luis pires de paredelhas do casal de paredelhas de milho quatro alqueires e de centeo huu alqueire e meo Alfomso pires de lamas juiz do casal de lamas de milho seis alqueires e de centeo dous alqueires e quarta Joham de Ryal do casal de Ryal de milho nove alqueires e meo e de centeo tres alqueires Gil Roiz do largo do casal do barreo de milho quatro alqueires e de centeo huu alqueire e quarta Gomçallo alvarez da varzea do casal da varzea com seu irmão diogo alvarez pagam de milho cinco alqueires e meo e de centeo dous alqueires. Gomçallo gil da varzea do casal da varzea de milho cinco alqueires e meo e de centeo dous alqueires Alvaro diaz destremadouro de milho doze alqueires e de centeo paga quatro alqueires Alvaro anes de pousadella do casal de pero cego de milho cinco alqueires e de centeo dous alqueires Fernam de anes de pousadella paga do casal de lacayo de milho cinco alqueires e de centeo dous alqueires menos çellami. Affonso martinz de pousadella do casal de lacayo de milho cinco alqueires e de centeo dous alqueires Gonçallo lopez o velho de requeixo do casal em que mora paga de milho nove alqueires e de centeo tres alqueires. Tristan Gil de requeixo de milho tres alqueires e de centeo tres quartos Pero Gonçalves do requeixo de milho seis alqueires e de centeo dous alqueires. Luis gil do casal da lagoa de milho quatro alqueires e de centeo alqueire e meo Gonçallo anes do casal de gesto de milho dous alqueires e de centeo huu alqueire Joham anes do casal de gesto de milho dous alqueires e de centeo paga huu alqueire Joham Affomso dargueinha do casal dargueinha de milho cinco alqueires e meo e de centeo dous alqueires. Affomso pires do casa do Ribeiro paga de milho sete alqueires e de centeo tres alqueires Joham fernandez do casal do calvo de milho cinco alqueires e de centeo dous alqueires Joham anes do casal do calvo de milho seis alqueires e de centeo dous alqueires e quarta Gonçallo Roiz das antas de milho cinco alqueires e de centeo huu alqueire e meo Branca roiz do casal de linhares de milho tres alqueire se de centeo huu alqueire e quarta Gonçallo gomçalves dassarolla de milho oyto alqueires e de centeo tres alqueires Diogo de quintella de milho tres alqueires e de centeo huu alqueire e meo. Duarte roiz da quintã de dom Sarazim de milho tres alqueires e de centeo huu alqueire e meo e çallamy Affomso lopes do casal do Redondo de milho tres alqrs e de centeo huu alqueire Joham lopes das quintellaes de milho quatro alqueires de centeo huu alqueire Joham afomso de paredes do casal de parede de milho dez alqueires e meo e de centeo tres alqueires e meo Joham gonçalves do barreo de milho tres alqueires e de centeo huu alqueire e cellamy Joham affomso de guicoy de milho qtro alqueires e de centeo huu alqueire e meo Gonçallo de pereyra de milho tres alqueires e de centeo huu alqueire e meo Joham anes de batocas de

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco,—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Estrangeiro

Avião—ano 100\$00
Semestre 50\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

CASA ALUGA-SE

OS FUNDOS DA CASA DO POVO-FEIRA NOVA

Podendo servir para qualquer negócio ou indústria

—RENDA BARATA—

Não queira ser um assassino ignorado

(Continuação da 1.ª página)

laranja, não atire com as cascas para o passeio, nem mesmo para a valeta. Lembre-se que um pobre velho, uma criança, um transeunte qualquer, podem escorregar nelas e partir uma perna ou um braço, e até morrer, devido à sua incúria, à sua ignorância, à sua falta de educação e de amor e solicitude para com o próximo.

Também pelo mesmo motivo não deve escarrar no chão, pois lembre-se de que não deve conspurcar a rua, dar maus exemplos, transmitir doenças, infestar o ambiente, torná-lo nojento.

É porque não há-de ser bom para as crianças, para os velhos, para os doentes, para os pobres, para os aflitos? Porque é que há-de ser grosseiro e indiferente, semeando à sua volta o ódio, a malquerença e a tristeza? Certamente não é rico, mas também não é necessário sê-lo para ser caritativa, bom e justo. Muitas vezes a simples indiferença pode transformar qualquer pessoa no tal assassino ignorado. Sem dúvida, fazemos mal quando não impedimos uma má acção, ou quando por comodidade pensamos apenas no nosso bem. Lembremo-nos de que não estamos sós no Mundo, e de que a caridade é necessária na vida.

Um conselho oportuno ou um esclarecimento sensato, pode por vezes valer mais do

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

deres para syndicar tudo que se julgasse útil.

Que era de opinião que o suplicante, para as partilhas dos haveres de seu pai, depositasse, na Ilha de S. Tiago, a canção necessária para garantir as despesas inerentes de um Ministro e dos oficiais indispensáveis que Sua Alteza nomeasse para essa comissão de serviço.

Que em seu entender, logo que chegassem a Cacheu, procedessem imediatamente ao requerimento dos bens e a seguir, nos termos de direito, fizessem o inventário e as partilhas, não considerando os embargos que as partes contrárias apresentassem para dificultar e inibir a acção da justiça, «e que ao Ministro desse a V. A. ordens para syndicar dos Capitães-Mores que serviram naquela Praça, e de todos os Officiais de justiça, e fazenda, reformando os Livros, e Cartórios dela, como lhe parecesse de justiça, e dando alguma forma a se processarem os autos, e se proceder conforme o direito, e ordenação que

ali até hoje se não conhecia, e ele o experimentara em três meses que naquela parte assistira, sem em todo aquele tempo o deixar o Capitão-Mor (nem ainda por correição) fazer o que devia, e entendia, como de tudo dera já conta a V. A.; e que no entretanto que estivesse nas diligências servir-se o Capitão-Mor, para sem contradição poder fazer justiça.»

A informação subiu ao Procurador da Coroa e esse foi de parecer que era justo nomear-se um Ministro assistente nas Ilhas para ir a Cacheu fazer as partilhas em questão, pagando-se os respectivos «salários» dos bens do casal.

O Conselho Ultramarino, por sua vez, concordou com o parecer do Procurador da Coroa, mas com a declaração expressa de que o Ministro devia ser o Ouvidor Geral das Ilhas de Cabo Verde.

De harmonia com os dois pareceres, Sua Alteza mandou passar Provisão a Lourenço de Matos Andrade, de que o Ouvidor Geral das Ilhas de Cabo Verde ia a Cacheu fazer as partilhas dos bens deixados por seu pai, nos termos das Ordenações do Reino, saindo os «salários» do Ouvidor Geral dos bens do casal.

António de Barros Bezerra que também tinha sido enviado para Cacheu, pela segunda vez, como Capitão-Mor daquela Praça escreveu várias cartas e por diferentes vias, a El-Rei a dar-lhe conta da grave situação em que se encontrava aquele Domínio, pois os franceses e ingleses, sem respeito pela nossa Soberania naquelas terras, levaram os seus navios a todos os portos e a todos os rios da Guiné para comerciarem directamente com o gentio, desviando, assim, os indígenas de irem vender os seus produtos aos centros comerciais portugueses.

O referido Capitão-Mor, como compreendem por estes ligeiros relatos, foi uma hábil e dinamica autoridade em defesa do distrito de Cacheu, fortificando a Praça e mantendo os indígenas da visinhança e das cercanias, mas o que não conseguia, por falta de força material, era opôr-se à nefasta presença dos estrangeiros naquele extenso Domínio portugueses.

É apreensivamente, na sua carta de 24 de Junho de 1686, dirigida a El-Rei, dizia-lhe que por quatro vezes e por vias diferentes lhe havia escrito sobre a alarmante situação daquela Praça, que, de dia para dia, caminhava para o irremediável.

Mas nem, por isso, a sua acção diminuía de intensidade e, por todos os meios ao seu alcance procurava afastar a presença dos estrangeiros para fora dos limites daquele Domínio, o que infelizmente, não conseguia,

A incompetência de agir

Quando somos nomeados na vida para desempenhar qualquer cargo diferente daqueles que até então enfrentamos, e mesmo que esse nos ofereça vantagens, nunca devemos aceitar precipitadamente, sem primeiro fazer um minucioso exame à nossa consciência, por vêr-se sim ou não, reunimos as qualidades ou condições que esse cargo exige; aceitar um cargo só porque gosámos mais regalias, ocupamos outra posição superior à anterior, ou lucrámos financeiramente, é ser comodista; esse que assim procede tem por força que fraquejar, tem que desmerecer a confiança depositada, e dar que falar aos observadores victimados.

Acontece isto na vida Real em todos os casos, desde o Desporto ao Profissionalismo, d'uma junta de freguesia à Presidência d'uma República. O Desportista que não joga por amor à camisola, mas só porque aguarda o fim do mês, não brilha nunca e desagrada concerta à Direcção; o profissional que não trabalha com amor à arte, mas só porque precisa do seu salário, nunca será um bom Profissional; A junta sem bairrismo e a Presidência sem Patriotismo, que seriam também! É por isso mesmo que aparece muitas vezes felhados na vida, que são victimas das suas leviandades e do seu igoísmo; para evitar esses poucos, que se vão erguendo aqui e além, devemos portanto consultar a nossa consciência, vêr se possuimos as qualidades intellectuais, morais, científicas, etc.

Conforme o caso; procedendo assim, valorizamos a nossa personalidade, não desmerecendo nunca a confiança

dos nossos chefes, livrando-nos de críticas muitas vezes justas, ocupando lugares não adaptados à nossa maneira de ser, tirando-o a outros, que dariam o rendimento máximo.

Vendo-nos assim, chegamos mesmo a sentir-nos envergonhados de tudo e de todos, sofrendo as consequências d'um erro, que nós próprios cansamos, e que para remediar, depois já é tarde.

Evitemos pois este pesado jogo, para nosso bem, e de todos.

Caso estranho

Nem só no Entroncamento há fenómenos! No Quintal junto à residência do Sr. Arnaldo Antunes (Caniçada) comerciante nesta freguesia, há uma larangeira que há coisa d'um mês apareceu florida de pequeninos botões brancos, continuando a sua germinação o fruto parece vingar-se; pois já principiaram a cair as pétalas, e o fruto está perfeito.

José Silva

Associação dos cegos do Norte de Portugal

Continuação da 4.ª página

pitais, asilos e centros de recuperação; mantêm-se em pleno rendimento um *Curso de Instrução Primária* e outro de *Malhas*, sendo em ambos fornecido aos alunos, graciosamente, todo o material escolar e dado um subsídio pecuniário mensal; tem-se proporcionado trabalho a alguns cegos; e, nomeadamente, agitado na imprensa, na rádio e na tribuna o problema dos cegos, chamando para ele a atenção de quem de direito. Isto é apenas uma síntese do que se vem fazendo, pois seria fastidioso relatar mil pormenores individuais que não deixam, aliás, de serem importantes para a vida de cada beneficiado. Note-se que não há nenhuma discriminação quanto à qualidade, origem, etc. dos que a esta Associação se encaminham.

Para tornar cada vez maior a obra que se impõe a bem dos cegos, isto é, de todos os portugueses, já que ninguém sabe o dia de amanhã, precisamos do auxílio de todas as pessoas de boa vontade, traduzido na sua ins-

Plano de Formação Social e Corporativa Comissão Distrital de Braga da Junta de

ACÇÃO SOCIAL

Prémios Escolares a distribuir pela Comissão Distrital de Braga da Junta de Acção Social

A Comissão Distrital de Braga da Junta de Acção Social incluiu, no seu Programa de Actividades para 1962, um capítulo dedicado a Prémios Escolares a distribuir nos seguintes casos e em estrita colaboração com os estabelecimentos de ensino respectivos:

1) — Para o melhor trabalho escolar inédito versando temas **Sociais ou Corporativos**; um período de férias pago num dos Centros de Férias da Mocidade Portuguesa ou nas Colónias de Férias da F.N.A.T. Este prémio pode ser substi-

tuído, se assim o pretender o premiado, pela oferta de livros até ao valor de 400\$00.

Os trabalhos dos alunos concorrentes a este prémio devem ser presentes, por intermédio do Reitor ou do Director do Estabelecimento de Ensino, ao Presidente da Comissão Distrital da Junta de Acção Social, até ao dia 10 de Junho de 1962.

A classificação dos trabalhos é feita por um júri a designar pelo Presidente da Comissão Distrital da Junta de Acção Social.

2) — Para os alunos melhor classificados nas disciplinas de Organização Política e Administrativa da Nação (Liceus e Escolas do Magistério Primário) e Formação Corporativa (Escolas Técnicas).

— 1.º Prémio — para o aluno classificado com melhor média no ano lectivo de 1962 — dois livros sobre temas **Sociais e Corporativos**.

— 2.º Prémio — para o aluno classificado imediatamente a seguir ao primeiro — um livro sobre temas **Sociais e Corporativos**.

Quanto aos prémios a que se refere esta alínea, a proposta dos alunos a premiar deve ser feita pelo Reitor ou Director do Estabelecimento do Ensino ao Presidente da Comissão Distrital de Braga da Junta de Acção Social.

Os estudantes interessados no concurso a que se refere a alínea 1), devem pedir esclarecimentos no Estabelecimento de Ensino que frequentam.

crição como sócio *cuja quota mínima é de 5800 mensais*.

Convencidos de que V. Ex.ª não deixará de nos honrar com a sua valiosa colaboração que antecipadamente muito agradecemos, para o que incluímos uma proposta, somos com muita consideração.

de V. Ex.ª

Atentamente

A DIRECÇÃO

Colaborai no Cortejo de Oferendas

Visado pela censura



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógos de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

P. D. Frei Caetano Brandão Telefone 22526 Braga

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

El-Rei meu Senhor de estar ao vestir-se. Uma vez achei-me de estar El-Rei doente, e quis vestir-se; então saí eu e depois tornei a entrar quando estava vestido e calçado.

«Fim da Vida de D. Aleixo de Menezes»

Eis o resumo do grande Memorial de Montebelo, manuscrito com que o 3.º marquês do mesmo título quis hourar a justa memória de seu avô, publicando-o na integra, mas de que apenas saiu à luz o 1.º volume.

Finda esta transcrição de algumas das suas principais peças, glossário de muita variedade onde o que mais abunda é matéria genealógica, com a «Vida de D. Aleixo de Menezes» que foi aio de El-Rei D. Sebastiao, o herói Sacrificado de Alcácer.

Nela se reflecte, de modo mui notável o estado de alma de um Povo torturado pela ansiedade e pelas dúvidas do seu destino procurando ver descobrir em todos os sinais a resposta e a satisfação de todas as interrogações e dúvidas que o amargurava.

A incomparável odisseia dos «mares nunca dantes navegados», em que se empenharam as gerações precedentes, criou e desenvolveu essa tortura pungente e superstição à medida que os mastros e os panos das caravelas se perdiam de vista na linha do horizonte alongando-se por mares infinitos e as brumas das procelas interceptavam a quantos ficavam silenciosos nas praias as notícias que nunca mais chegavam de entes queridos.

Se nesse meio tempo de desânimo geral, porventura alguém

foi de ânimo inquebrantável e resoluta na jornada de Alcácer esse foi El-Rei D. Sebastiao, a quem nada demoveu do seu intento; e esta empresa foi, depois da epopeia dos Descobrimentos, um esforço a mais exigido ao génio imortal da Raça forte. Mas, se ontem como hoje o martírio e o sofrimento redimem a fé e o patriotismo, aí recebeu a Alma nacional o duro golpe de que havia de refazer-se e dar prova cada vez mais firme da sua predestinação.

* * *

Ora, deu-se até aqui notícia do Cartório de Carracedo, melhor, dos Machados.

Mas não cessou por aí a actividade literária e colecionadora destes fidalgos que muita gente mesmo a seu tempo suporia ociosos em seus solares ou nos palácios da capital.

Consultando a célebre «Collecção Pombalina» de manuscritos, encontra-se aí a denunciar algo das suas ocupações e especialidades, mais o seguinte, pelo resumo do índice.

Sob o n.º de cota 97:

«Fragmentos dos projectos de meu avô o Sr. Félix Machado da Silva... Contém — 1.º O projecto da conquista da Catalunha — 2.º O projecto da vida de Manuel Machado — 3.º O projecto do seu memorial — O projecto do seu testamento e de sua mulher — Encerra muitas notícias históricas e genealógicas.

Sob o n.º de cota 105:

«Obras militares e vários apontamentos — 1692 a 1710 — Muitos dos originais deste Códice são assinados por Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos, Mestre de Campo do Terço velho da guarnição de Chaves em 1706, Marquês de Montebelo (o 3.º), o que indica ter sido ele o colecionador — Contem:

Regimento da Praça de Mazagão (Impressos) Lisboa, na off. de M. Deslandes S. d. in-fol.

Regimento para o exército quando estiver em campanha

(CONTINUA)